

Pontuação em Impressos Renascentistas: O Surgimento da Sentença Ortográfica

Maria Carlota Rosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Abstract

Which principles used to guide the punctuation of the Portuguese language when there were no Portuguese grammars, but, as nowadays, there was already a printing activity which made available texts in this language to a great amount of people? The most simple answer to this question is that they were available in those Latin grammars in use. We have tried to demonstrate, based on the study of two marks of punctuation in use at that time - the comma and the colon - that this answer must be better elaborated: the solution the printing houses came to was not only to transfer the established principles for the Latin grammar into Portuguese, but to re-structure them to the Portuguese language, which supported the appearance of a new unit in the writing system: the orthographic sentence.

1- INTRODUÇÃO

Dois sinais surgem com maior frequência nos textos impressos em português na passagem do século XV para o XVI: o *cólon*, com o desenho do atual *ponto* (.), e a *coma*, com o desenho do atual *dois-pontos* (:). Ilustramos o uso de ambos os sinais no português de então em dois exemplos extraídos da *Prohemial Epistola*, carta do mestre impressor Valentim Fernandes ao Rei D. João II de Portugal:

- (1) (a) coma: *E por nom se estender: mais do expedi ente nosso screuer: ho qual desejamos com breuidade comprir: das muy largas merçees: & grandes acres centamos feytos a muitos de diuersos estados [...]* (PE, fol. 2v)
- (2) (b) cólon: *Nem sento pena que escreua. nem lingua que falle. nem menos coraçom que pense: per quantos modos muy altos...* (id. et ibid.)

Há textos sem coma e, mesmo quando esta é usada, sua frequência é bem menor que a do cólon: no total, o corpus utilizado apresenta 841 cólons contra 94 comas (e 969 ausências de pontuação, doravante); nos textos em que ambos os sinais estão presentes, as 94 ocorrências de coma estão a par com 302 de cólon (e 489 ocorrências de Ø).

Queremos aqui juntar evidências de que: (a) cólon e coma indicaram diferentes graus de coesão textual na gramática do latim tardio; e (b) coma e cólon tiveram seu valor alterado, quando transferidos para o português. No português a pontuação passava a ser preferencialmente interpretada como indicadora de descontinuidade entre constituintes sintáticos e a data de edição do texto teria influência sobre a pontuação dos textos impressos, que passavam a ter pontuação mais regular.

Os dados em que nos baseamos são extraídos de impressos em português pelo famoso alemão Valentino de Morávia ou Valentim Fernandes

(cf. bibliografia ao final do artigo), cuja atividade tipográfica conhecida foi exercida em Lisboa pelo menos entre 1495 e 1518.

Para testar a hipótese atrás apresentada, elaboramos nove grupos de fatores, ou variáveis independentes, divididos em dois grandes subgrupos. No primeiro grupo, procuramos estabelecer a influência do ambiente à direita para a maior ou menor expectativa de uso de pontuação: método de coesão oracional, conjunção, oração completa ou retomada de oração suspensa; no caso de subordinada, classificação da subordinada, tipo de verbo, nível de encaixe da subordinada, posição em relação à principal. No segundo grupo, testamos a influência de dois fatores extralingüísticos: datação da edição valentiniana e preparação para o prelo (para o detalhamento e justificativa do método, bem como para frequências e pesos relativos obtidos pela análise quantitativa, remetemos para Rosa, 1994).

Analisamos o contexto à direita do sinal gráfico e definimos como contexto de estudo toda e qualquer fronteira de oração. Cada pedaço de texto começado por um ponto real ou potencial em fronteira de oração constituiu-se numa *ocorrência*. Ao todo, analisamos 1904 ocorrências. Sobre esse total foi calculado o aparecimento de coma, de cólon e de ausência de pontuação (a que nos referiremos como \emptyset). Os dados foram submetidos a um conjunto de programas estatísticos, o VARBRUL, conforme a versão de Pintzuk, 1988, que permite avaliar a contribuição de diferentes fatores, bem como sua interrelação, sobre uma variável em estudo. O VARBRUL pressupõe que as formas em análise são alternantes e que terão maior ou menor probabilidade de serem empregadas num mesmo contexto.

Não encontramos ambientes categóricos, isto é, ambientes em que sempre ou nunca houvesse variação. Testamos primeiramente a variação entre coma e \emptyset ; em seguida, entre cólon e \emptyset . Por fim, em virtude de alguma imprecisão nas descrições gramaticais, testamos a variação entre coma e cólon e entre as três possibilidades.

Apresentamos, inicialmente, as indicações para o uso da pontuação no latim tardio. Em seguida comparamos os elencos gramaticais com os que efetivamente foram utilizados nos textos em português. Passamos, então, a interpretar os resultados da análise.

2 - COMA E CÓLON: AS FONTES GRAMATICAISS LATINAS

Não havia gramáticas ou tratados ortográficos para o português nesse período: escrever em vernáculo, no caso, em *lingoagem portugües*¹, era

uma concessão aos incultos, aos “simprizes e não letrados”. E ser *letrado* significava sê-lo em latim (Loyn 1989: 235). Por conseguinte, na gramática latina deveriam ser procurados os procedimentos a seguir, mesmo no caso de se escrever num vernáculo. Efetivamente, nos compêndios gramaticais latinos estão expostos princípios de pontuação que recomendam o uso dos sinais, não para delimitar consuintes dentro da sentença, mas para indicar que o que se lhes segue está ou não pressuposto pelo antecedente. A noção de sentença ortográfica inexistente nesses compêndios.

No tocante às gramáticas latinas, os exemplares consultados representam as duas linhas teóricas vigentes, então, em Portugal. Uma delas era Arte Nova, dos seguidores de Juan de Pastrana, como Pedro Rombo e João Vaz, sem exemplos de autores clássicos e em latim já bastante influenciado pelos vernáculos; outro, a Nova Gramática, humanista, que surgia em Portugal e que poria fim à longa hegemonia de Pastrana. Cada uma dessas linhas é aqui representada, respectivamente, por (a) João VAZ, com seus comentários e aditamentos ao trabalho de Pastrana *In grammaticae rudimentis commentarii* [ca. 1502]; e (b) ESTÉVÃO CAVALEIRO, com a *Nova grammatices Mariae Matris Dei uirginis ars* (1516). Resumimos no Quadro 1, em seguida, os sinais elencados por cada um desses autores e as definições de seu emprego.

João VAZ		Estêvão CAVALEIRO	
SINAL	O QUE MARCA	SINAL	O QUE MARCA
ponto suspensivo	antes que algum sentido da cláusula possa ser considerado	ponto suspensivo, vírgula ou subdistinção	antes que se possa depreender qualquer sentido da cláusula e de aparecer verbo
ponto geminado	sentido incompleto	---	
coma	a cláusula parece completa, mas não está	coma	depois de enunciados com verbo, mas sem acabamento
cólon	fim da cláusula quando o sentido está completo	cólon	depois de enunciado com verbo e sentido completo, mas a que algo pode ser ajuntado; assíndeto

João VAZ		Estêvão CAVALEIRO	
SINAL	O QUE MARCA	SINAL	O QUE MARCA
---		período	fim da cláusula e do discurso, de modo que o que se segue pareça começar de novo
parênteses	construção intercalada a um enunciado ainda inacabado	parênteses	construção intercalada a uma ainda incompleta
exclamação	oração admirativa	---	
interrogação	marca a interrogação	interrogação	depois de palavra ou oração interrogativa
semiponto	fim da linha	---	

Quadro 1. A pontuação segundo VAZ e segundo CAVALEIRO.

Ambas as obras utilizam-se dos mesmos exemplos, embora pontuados com ligeiras diferenças, em virtude de os elencos de sinais serem um pouco diferentes, como se pode constatar em (2) abaixo:

(2) João Vaz:

a. arma. librosque meos et diripuerunt milites. quamquam eos nunquam existimaui huc venturos.

[‘Os soldados roubaram-me as armas. e os meus livros, embora nunca tivesse julgado que viriam aqui.’]

b. de te vero quid dicam? [‘de ti em verdade que direi?’]

O critério básico para definir o uso de cada sinal é o sentido completo, nunca definido nessas obras. No entanto, as explicações para o emprego de cada sinal autorizam-nos a glosá-lo como se segue: se A é crucial para interpretação de B, isto significa que a B deverá juntar-se algo mais — ou seja, A — e que, portanto, B não tem sentido completo. Se, por sua vez, A não é crucial para a interpretação de B, então A e B são fracamente relacionados e A pode ou não juntar-se a B: neste segundo caso, se A for

acrescentado a B, então em A o sentido parecerá começar de novo; no primeiro caso, A não é crucial para a interpretação de B, mas é pertinente e lhe pode ser acrescentado.

Estamos, portanto, com uma versão latina precursora da definição de coesão proposta por Halliday & Hasan (1976: 8); “Cohesion is a semantic relation between an element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it. This other element is also to be found in the text [...]. *The two elements, the presupposing and the presupposed, may be structurally related to each other, or they may not; it makes no difference to the meaning of the cohesive relation*” [‘A coesão é uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro elemento que seja crucial para sua interpretação. Este outro elemento deverá também estar presente no texto[...]. Ambos os elementos, o que pressupõe e o pressuposto, podem estar estruturalmente relacionados entre si ou não; isto não faz diferença para o significado da relação coesiva.’].

Conforme apresentados nas descrições gramaticais, os sinais de pontuação não seriam intercambiáveis, mas indicadores de diferentes graus de coesão num contínuo. As relações coesivas que a pontuação levou em conta limitam-se, porém, às relações de dependência entre elementos contíguos. Os pontos enunciavam, basicamente, que algo mais se seguiria; uma relação catafórica, portanto. Anáforas, elipses ou substituições não interessaram para o emprego da pontuação.

Curiosamente, porém, a longa lista de sinais dos gramáticos não se concretiza nos primeiros impressos em português.

3 - DO LATIM AOS IMPRESSOS EM VERNÁCULO

No contato com impressos da época aqui em estudo, um dos fatos que primeiramente chamam atenção de um leitor moderno é o maior elenco de sinais em uso em textos latinos que em portugueses: naqueles encontramos, além do caldeirão (¶) e do cólon (.), a coma (;), a vírgula (/) e a interrogação (?). Nos textos em português dessa fase, mesmo a coma pode não estar presente, reduzindo-se a pontuação quase unicamente ao cólon². As listas de sinais de sentido (in)completo apresentada em Vaz e em Cavaleiro são, portanto, reduzidas, na prática tipográfica em vernáculo, a um ou dois sinais.

Quadro 2. Pontuação: Elencos de sinais prescritos em gramáticas e elencos em uso nos textos em português da tipografia valentiniana

MAIOR (+) OU MENOR (-) GRAU DE COESÃO					
		(+)	(-)		
VAZ	ponto suspensivo	> ponto geminativo	>coma	>cólon	>-
CAVALEIRO	ponto suspensivo	-	>coma	>cólon	>período
FERNANDES	-	-	-	cólon	-
FERNANDES	-	-	coma	> cólon	-

As diferenças entre os inventários de sinais sumariadas no Quadro 2 acima permitem-nos algumas conclusões.

A principal mudança de Vaz para Cavaleiro está na menor atenção dada às construções de sentido incompleto. Três dos quatro sinais em Vaz marcam o *sentido incompleto*: o *ponto suspensivo*, o *ponto geminado* e a *coma*; Cavaleiro suprime o *ponto geminado* e, para o *sentido completo*, além do *cólon* arrola o *período*. Ao se enfatizar o *sentido completo*, duas análises tornam-se disponíveis: (a) a de que se está na frente a um grau fraco de COESÃO; ou (b) de que SE SEPARA o que não é necessário embora pertinente, ou o que começa uma nova unidade. E esta dupla possibilidade de interpretação é a chave para se compreender a mudança por que passaria a pontuação.

A imprensa teria papel relevante na reformulação dos elencos de sinais propostos pelo gramático. *Ponto suspensivo* e *ponto geminado* desaparecem nos textos em vernáculo, restando apenas a *coma* para a indicação de falta de acabamento. *Período* e *cólon*, que assinalavam sentido completo, viam a fundir-se num único sinal³. Por sua vez, como *coma* e *cólon* indicavam, respectivamente, se o sentido *parecia completo* ou *estava completo*, chega-se ao máximo da simplificação, que se processou em favor do *cólon*. Essa simplificação criaria as condições para que se processasse uma alteração no valor da pontuação. A pontuação elencada pelos gramáticos revela um contínuo que ia do maior ao menor grau de coesão entre elementos do texto, e tal contínuo esboroava-se ao se reduzir o número de sinais para um ou mesmo dois *puncti*.

Ao escolher lidar basicamente com um marcador de *sentido completo*, a pontuação em vernáculo elegia as fronteiras oracionais como seu ambiente preferencial, pois a eliminação de parte dos indicadores de *sentido incompleto* fixava o interior da oração simples como um ambiente não-pontuado. Como veremos adiante, tal tendência fixar-se-ia em português, ganhando novos contornos.

A distinção entre *indicar que algo pertinente pode ser acrescentado e indicar fronteira de constituintes oracionais* torna-se sutil. Se o comando para o uso da pontuação segundo Vaz ou Cavaleiro poderia ser glosado como “*Junte elementos contíguos, sob pena de deixar o leitor confuso quanto ao que forma ou não uma unidade com o que se segue*”, a simplificação do elenco de sinais implicava efeitos que ultrapassavam a mera redução de inventários, sugerindo que se começava a fixar um novo princípio: “*Assinale tudo que não está coeso*”. É o que veremos a seguir.

4 - A PONTUAÇÃO VERNÁCULA

A análise do corpus apontou uma forte correlação entre o uso de dois ou de apenas um sinal e o fato de o texto ter sido escrito em vernáculo diretamente para a impressão ou não. Estatisticamente, este é o fator que mais favorece o uso da coma. Em outras palavras: as traduções do latim em circulação para os simprizes podiam contar apenas com o cólon, pois deveriam estar escritas num estilo adequado a leitores não cultos. Na medida em que o português começa a ganhar o status de língua, modifica-se tal quadro: o inventário de sinais torna-se maior e continuaria a crescer até o final do século XVI. E o primeiro candidato a dividir espaços com o cólon é a coma.

Linguisticamente, porém, a coma, do mesmo modo que o cólon, é mais provável: (a) diante de uma oração independente — i.e., que não pressupõe outra que lhe complete o significado, caso das coordenadas, justapostas e principais — e (b) diante de uma das conjunções de permuta — i.e., aquelas que estabeleçam uma relação hierarquizada na medida em que há uma ordem entre os elementos postos em relação pela conjunção que, se invertida, pode alterar o significado da construção, ou criar uma construção agramatical (Ele não veio porque choveu/ Choveu porque ele não veio; Ele previu, mas não aconteceu/ *Mas não aconteceu, ele previu). São elas as conjunções que expressam causa (a causa eficiente, como as causais e explicativas, a causa final, caso das finais, a causa por inferência, como as conclusivas, e a causa dubitativa, como as temporais e as condicionais), as adversativas e as concessivas. Exemplificamos:

- (3) a.[...] como he seguido, la saberees como fomos em companhia Ieronimo adorno & eu ao Cairo. (Carta de hum genoues. fol. 96)
 Disserom os discipollos a christo. senhor ensyna nos a orar.(Catecismo pequeno. fol.12)
- b. Nem ficou a virgem sem tribullaçom, porque entendia & vija josep seer toruado. (Vita Christi. I, fol. [26v].
- ¶ Estes tem as cabeças humanas por thesouros. Ca despoys de auerem presos seus imijguos as cortam. (Nicolao veneto. fol. 82).

Contrariamente, tais ambientes são os que menos propiciam o aparecimento de Ø. Constituem-se nos ambientes mais favoráveis à ausência de pontuação a oração dependente (caso das subordinadas e correlatas) e dois tipos de conjunções: Ø e *distributivo*⁴ e as *disjuntivas*⁵ ou e nem. Os ambientes de pontuação e os ambientes de Ø estão, pois, em perfeita distribuição complementar. Constitui-se esta, portanto, numa grande área de variação.

Os ambientes lingüísticos que mais favorecem coma igualmente favorecem cólon. Então, onde está a diferença entre eles?

Segundo gramáticas latinas, a diferença entre coma e cólon é que aquela deveria assinalar o sentido incompleto, ao contrário deste. Ao transformar-se, porém, em boa parte dos textos em vernáculo, no único sinal empregado para pontuar um texto, o cólon tanto marcará orações independentes como dependentes: em suma, passa a delimitar a oração. Deve-se levar em conta a baixíssima chance de uma coma vir a se realizar, o que equivale a tornar preferencial o cólon nesses ambientes.

Na disputa de espaço diante das orações independentes, a *coma* perde para o *cólon*. Entra então em jogo uma especialização de funções para a *coma*: as orações dependentes desfavorecem o emprego de pontuação, o que podia levar a longos trechos não pontuados, como exemplificado em seguida:

& dizem que da presença de christo que no ventre trazia a face della era de tanta claridade que josep a num podia afemençar atees que o ventre foy vazio segundo se affirma de face de moyses que por a familiaridade de fallar ameude com deus splandeçia tanto que os filhosde jsrael nom podiam afemençar em ella. (Vita Christi. I, 124)

Testemunhos da época demonstram o descontentamento com essas longas extensões não pontuadas: “o que não stá diuidido, he mais com-prido & enfadonho”(Lião 1576: 75). Por que não empregar *comas*? Assim, se houver o emprego de um sinal nesse ambiente, será mais esperável a *coma* — a não ser que a subordinada esteja diante da principal, ambiente mais favorável ao *cólon*. Estamos, pois, diante de uma segunda área de variação mais restrita, porque se dá apenas entre o uso dos sinais de pontuação, excluídos os zeros.

5. CONCLUSÃO

Do século XV para o XVI, os dados apontam para um paulatino esvaziamento de pontuação no interior do período, a par com a maior frequência na demarcação de seus limites: diminui o emprego de pontuação diante de orações dependentes e aumenta diante de orações independentes.

Ao priorizar o ambiente que antecede uma oração independente, a pontuação assinala as coordenadas, mas delimita também o início e o final da seqüência principal/ subordinada, uma vez que o interior do período não favorece o emprego de pontuação.

Não obstante as subordinadas privilegiarem \emptyset , a pontuação não está de todo ausente desse contexto que se constitui, basicamente, no interior da sentença. Assim é que, quando confrontada com o *cólon*, a *coma* seleciona três ambientes no interior da sentença: a retomada da oração principal, a posição da subordinada e o nível de encaixe da subordinada. Em conjunto, esses três ambientes indicam que a *coma* (a) pode ser empregada quando se sobe de uma encaixada para a principal, o que equivale a marcar o fim da subordinada; (b) antecede a subordinada que interrompe a principal, o que equivale a marcar o início da subordinada; (c) antecede a subordinada encaixada em outra subordinada, o que equivale novamente à indicação de onde tem início uma subordinada.

Em resumo: a *coma*, sinal que começava a ser introduzido em textos escritos em português, a despeito de sua ainda baixa probabilidade de emprego, começa a delimitar subordinadas. Ou melhor, a delimitar subordinadas no interior da sentença, porque, se a subordinada antecede a principal, quando dá início ao período, então somente o *cólon* pode ser empregado. Note-se que não se pode interpretar este uso como simples transposição dos preceitos latinos para o português. As orações subordinadas pressupõem uma principal e se constituem num dos contextos classificáveis

como de sentido incompleto. No entanto não foi esse o único ambiente para *coma*, nem o que lhe foi mais propício. Os trabalhos sobre o português que começariam logo a surgir, como Barros (1540), Gândavo (1574) e Lião (1576), confirmariam essas tendências.

A maiúscula, cuja função era a de distinguir unidades (Pastrana[1497] fol. aa)⁶, torna-se cada vez mais freqüente em seguida ao *cólon*, mas desaparece do ambiente contíguo à *coma*. Em resumo: surge a *sentença ortográfica*, entre maiúsculas e pontos.

Recentemente, Levinson (1985: 117) afirmava que os escritores medievais não tinham o conceito de *sentença*, mas — acrescentamos — de relações coesivas que se estabelecem no interior do *texto*. Para os vernáculos, ainda não padronizados na época aqui em estudo, a alteração no elenco de sinais promovida pela imprensa de tipos móveis recém-inventada permitiria a concorrência de interpretações para a compreensão da função dos sinais, o que levaria ao início da pontuação moderna.

NOTAS

¹Segundo Verdelho (1988), *lingoagem* significava uma língua não destinada à escrita.

²O *caldeirão* marca, basicamente, o início de unidades como o capítulo ou a própria obra.

³Lião (1576: 76): "O colon & período tudo se assinala com hum ponto...".

⁴Consideramos a conjunção copulativa como **e distributivo** quando o escopo de um elemento se estende a todos os elementos em coordenação e um termo parece estar elíptico para parte dos termos em coordenação, à exceção de um deles:

Ex: Item per esta meesma causa **se euite & esquiue**: todo ho inchamento do ventre que vem per muyto comer. (Regimento proueytoso. fol. a5v).

Isto é: para todo x, (i) e (ii) são verdadeiros:

(i) x evite [todo inchamento do ventre];

(ii) x esquiue [todo inchamento do ventre].

⁵Cledonius (Apud Baratin 1989: 82): "As copulativas unem as palavras e aquilo que elas significam: as disjuntivas unem as palavras mas desunem o significado. *Ego et tu*, houve a junção das pessoas; *ego aut tu*, houve a separação" [tradução nossa].

⁶Daí seu uso no prenome, mas não no sobrenome, como em Valentim fernandes: “Quare cognomen non est cum magna littera scribendum? cum non aliam personam significet” (Pastrana. id. et ibid.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O corpus:

VALENTINO DE MORÁVIA. Prohemial Epistola. 1945. In: *De vita Christi*. texto integral (249 linhas; coma e cólon).

LUDOLFO DE SAXÔNIA. 1495. *De vita Christi*. Trad. Frei Nicolau Vieira e Frei Bernardo de Alcobça. Lisboa: Nicolau de Saxônia e Valentino de Morávia. BNL Inc. 566-567 Livro I, 26v-28 (336 linhas; coma e cólon)

PAULO, Marco. 1502. *Ho liuro de Marco paulo*. [trad. Valentin Fernandes?]. Lisboa: Valentim Fernandes alemão, 04/02/1502. BNL Res. 43IV Livro I, 20-22; Livro II, 29v-30v (244 linhas; cólon)

JERÔNIMO DE SANTO ESTÊVÃO. *O trallado da carta de huu genoues das dittas terras*. [trad. Valentim Fernandes ?]. Lisboa: Valentim Fernandes alemão. 04/02/1502. BNL Res.431V texto integral (187 linhas; cólon)

ORTIZ DE VILLEGAS, Diogo. 1504. *Cathecismo pequeno da doutrina & instruiçam que os christãos ham de creer & obrar pera conseguir a benaumenturança eterna*. Lisboa: Valentim Fernandes alemão e João Pedro Bonhomini de Cremona. 2 0/07/1504. BNL Res. 163 A Livro I, 12-15 (204 linhas; cólon)

Outras obras valentinianas:

NICOLAU VENETO. *Ho liuro de Nicolau veneto*. [trad. Valentim Fernandes?]. Lisboa: Valentim Fernandes alemão. BNLRes.43IV

[JACOBI, Johannes?]. s.d. *Regimento proueytoso contra ha pestenença*. Trad. Frei Luís de Rás. Lisboa: Valentino de Morávia. BPÉvora Inc. 210.

PASTRANA, Juan de; ROMBO, Pedro; MARTINS, Antônio, 1497. *Compendium breue & utile: sive tractatus intitulus: Thesaurus pauperum*

siue speculum puerorum editum a magistro Johãne de pastrana. Materiarum editio ex baculo cecorum a Petro Rombo in artibus baccalario breviter collecta. Anonij martini primi quondã huius artis pastrane in alma universitate Ulixbonensi *preceptoris. materiarum editio a baculo cecorum breviter collecta*. Lisboa: Valentim Fernandes de Morávia. s.d., “.vj. kalendas Iunij” [27/05], 20/06/1497. BNL Inc. 1425, 1426, 1427.

ESTÊVÃO CAVALEIRO. 1516. *Nuoa Grammatices Marie Matris Dei uirginis ars*. Lisboa: Valentim Fernandes da Nação dos Germanos. “Sole in septima cancri parte existente” [ca. 20/06], 1516. BUCoimbra R.31.5.

BARATIN, M. 1989. *La naissance de la syntaxe à Rome*. Paris: Minuit. 539p.

BARROS, João de. 1540. *Grammatica da lingua Portuguesa*. Lisboa: Luis Rodrigues. 60. fol. (BNRJ W1,2,1A).

GANDAVO, P.M. de. 1574. *Regras que ensinam a maneira de escrever ortographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defesa da mesma lingua*. Lisboa: Antonio Gonsaluez.

HALLIDAY, M.A.K. & R. HASAN. 1976. *Cohesion in English* London: Longman. 1987. 374p.

LEVINSON, J.P. 1985, *Punctuation and the Orthographic Sentence: A Linguistic Analysis*. Ann Arbor: University Microfilms International. 1992. 179p.

LIÃO, Duarte Nunez do. 1576. *Ortographia da Lingoa Protugueza. Obra util, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhola como a Latina, E quaisquer outras, que da Latina teem origem. Item hum tractado dos pontos das clausulas*. Lisboa: João de Barreira. fol. 74-78.

LOYN, H.R., org. 1989. *Dicionário da Idade Média*. Trad. A. Cabral; rev. técnica H. Franco Jr. Rio e Janeiro: Zahar. 1990. 370p.

ROSA, M.C.1994. *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras. 2 vol. mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística.

VAZ, J. [15—]. *In grammaticæ rudimentis commentarii*. Lisboa: Hermão de Campos. BUCoimbra. R-10-13.

VERDELHO, T dos S. 1988. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de Doutorado em Lingüística. Aveiro: Universidade de Aveiro. 833p.